

Distribuição Gratuita

O Pai Nosso

explicado por
Abdruschin



NA LUZ DA VERDADE
Mensagem do Graal
Abdruschin

O PAI NOSSO

EXPLICADO POR
ABDRUSCHIN

Na Luz da Verdade | Mensagem do Graal

SÃO apenas poucas as pessoas que procuram conscientizar-se do *que* querem na realidade, quando proferem a oração “Pai Nosso”. Menos ainda as que sabem realmente qual o *sentido* das frases que aí estão recitando. Recitar decerto é a única expressão adequada para o procedimento que o ser humano, nesse caso, chama de orar.

Quem se examinar rigorosamente a tal respeito *terá* de concordar, ou então testemunhará que passa toda a sua vida de idêntica maneira... superficialmente, não sendo, nem jamais tendo sido capaz dum pensamento profundo. Existem nesta Terra muitos desses que sem dúvida se levam a sério, mas, pelos outros, mesmo com a melhor boa vontade, não podem ser levados a sério.

Exatamente o começo desta oração desde sempre é intuído erroneamente, conquanto de modos diversos. As pessoas que procuram proferir com seriedade esta oração, isto é, que nela se empenham com certa boa

vontade, sentirão, logo após ou durante as primeiras palavras, certo sentimento de segurança surgir em si, de tranquilização anímica! E tal sentimento nelas permanece predominante até alguns segundos depois de orar.

Isso explica duas coisas: primeiro, que quem reza só pode manter sua seriedade durante as primeiras palavras, através do que se desencadeia tal sentimento, e, segundo, que justamente o desencadeamento desse sentimento prova quão longe se acha de entender o que com isso profere!

Mostra com isso, nitidamente, sua incapacidade de manter a profundidade do pensar, ou também sua superficialidade; porque, do contrário, com as palavras que se seguem, imediatamente deveria surgir *outro* sentimento, correspondente ao conteúdo alterado das palavras, tão logo elas se tornem nele realmente vivas.

Portanto, permanece nele apenas o que as primeiras palavras despertam. Entendesse ele, porém, o sentido correto e o significado verdadeiro das palavras, estas teriam de lhe despertar intuições muito diferentes do que um agradável sentimento de segurança.

Pessoas mais presunçosas veem por sua vez na palavra “Pai” a confirmação de descenderem diretamente de Deus, e assim, num desenvolvimento acertado, tornarem-se, por fim, até mesmo divinas, já trazendo, porém, categoricamente, algo divino

dentro de si. E ainda existem muitos outros erros entre os seres humanos quanto a esta frase.

A maioria, contudo, considera-a simplesmente como a *invocação* na oração, o apelo! Aí necessitam pensar de modo mínimo. E correspondentemente é recitada sem reflexão, quando exatamente na invocação a Deus deveria residir todo o fervor de que uma alma humana, aliás, possa ser capaz.

Mas tudo isso esta primeira frase não deve dizer nem ser; o Filho de Deus, contudo, inseriu na escolha das palavras simultaneamente a explicação ou a indicação da *maneira pela qual a alma humana* deve encaminhar-se para a oração, *de que modo* pode e deve apresentar-se perante seu Deus, se sua oração deva ser atendida. Diz exatamente qual a disposição que ela deve possuir em tal momento, como tem de ser seu estado de pura intuição, quando quiser depor seu pedido nos degraus do trono de Deus.

Assim, a oração toda se divide em três partes. A primeira parte é o entregar-se totalmente, a rendição da alma perante seu Deus. Falando figuradamente, ela se abre de todo diante Dele, antes de se aproximar com uma súplica, dando testemunho assim de sua própria capacidade de boa vontade pura.

O Filho de Deus quer com isso deixar claro qual deve ser a intuição para formar a base de uma aproximação de Deus! Por isso apresenta-se como um grande e sacrossanto juramento, quando no

início se encontram as palavras: “*Pai nosso, que estás no céu!*”

Considerai que oração não tem a mesma significação que pedido! Do contrário, não haveria orações de agradecimento que não contivessem nenhum pedido. Orar não é pedir. Já aí o “Pai Nosso” tem sempre sido incompreendido até agora, por causa do mau hábito do ser humano de nunca se dirigir a Deus a não ser para esperar alguma vantagem ou mesmo exigir, pois no esperar já se encontra o exigir. E aí a criatura humana realmente *sempre* espera algo, isto ela não pode negar! Mesmo falando em traços gerais, que exista nela apenas o sentimento nebuloso de receber remotamente um lugar no céu.

O ser humano desconhece a jubilosa gratidão de usufruir de modo alegre a existência consciente que lhe foi dada, coparticipando na grande Criação para o bem de seu ambiente, assim como é desejado por Deus ou por Deus com razão esperado! Tampouco presente que é justamente isso, e *somente* isso, que contém seu próprio e verdadeiro bem, seu progresso e sua ascensão.

Em tal base desejada por Deus, porém, encontra-se em verdade a oração “Pai Nosso”! De outra forma o Filho de Deus nem poderia tê-la dado, pois apenas desejava o bem dos seres humanos e isso só se fundamenta na observação e no cumprimento certo da vontade de Deus!

A oração dada por ele é, portanto, tudo, menos um pedido, mas sim um grande juramento do ser humano abrangendo tudo, o qual, nisso, se prostra aos pés de seu Deus! Deu-a Jesus aos seus discípulos, que estavam dispostos naquele tempo a viver em pura adoração a Deus, a servir a Deus com seu viver na Criação e com esse servir honrar Sua sacrossanta vontade!

A criatura humana deveria pensar bem e maduramente se pode atrever-se, apesar de tudo, a se servir dessa oração e a pronunciá-la; deveria averiguar severamente se, enunciando-a, não procura de certa forma enganar a Deus!

As frases introdutórias advertem com clareza suficiente que cada um deve se examinar, se também é realmente assim como nelas se apresenta! Se com isso ousa se aproximar sem falsidade diante do trono de Deus!

Se, contudo, vivenciardes em vós as três primeiras frases da oração, então elas vos conduzirão aos degraus do trono de Deus. Elas são o caminho para isso, quando numa alma chegarem a um vivenciar. Nenhum outro leva até lá. Mas este, seguramente! Não vivenciando essas frases, nenhum dos vossos pedidos poderá chegar até lá.

Deve ser uma invocação dedicada, e, contudo, jubilosa, quando ousais proferir: “Pai nosso que estás no céu!”

Nessa exclamação repousa a vossa sincera afirmação: “A ti, ó Deus, dou todos os direitos de Pai sobre mim, aos quais quero submeter-me com obediência infantil! E reconheço com isso também Tua onisciência, Deus, em tudo o que Tua determinação trouxer, e peço que disponhas de mim como um pai tem de dispor dos seus filhos! Aqui estou, Senhor, para te ouvir e te obedecer infantilmente!”

A segunda frase: “*Santificado seja o Teu nome!*”

Esta é a afirmação da alma em adoração, de quão sincera é em tudo quanto ousa dizer a Deus. Que acompanha com plena intuição cada palavra e pensamento, não abusando com superficialidade do nome de Deus! Pois o nome de Deus lhe é sobremaneira sagrado!

Considerai bem, todos vós que orais, o que com isto prometeis! Se quiserdes ser inteiramente sinceros convosco, tendes de reconhecer que vós, seres humanos, até agora, justamente com isto, tendes mentido diante do semblante de Deus; porque nunca fostes *tão* sinceros na oração conforme o Filho de Deus, pressupondo, estipulou nessas palavras como *condição!*

A terceira frase: “*Venha a nós o Teu reino!*” novamente não é nenhum pedido, mas apenas uma promessa a mais! É um prontificar-se de que através da alma humana tudo deve tornar-se aqui na Terra *tal* como é no reino de Deus!

Por isso a expressão: “Venha a nós o *Teu* reino!” Isto quer dizer: queremos chegar também aqui na Terra a tal ponto que o Teu reino perfeito possa estender-se até aqui! O solo deve ser preparado por nós de modo que tudo viva apenas segundo a Tua santa vontade, isto é, cumprindo plenamente as Tuas leis da Criação, de maneira a tudo se realizar *tal* qual é em Teu reino, o reino espiritual onde se encontram os espíritos amadurecidos e livres de todas as culpas e cargas, que apenas vivem servindo à vontade de Deus, porque somente no cumprimento incondicional desta surge algo de bom, pela perfeição nela latente. É, portanto, a afirmação de querer tornar-se *assim*, para que também a Terra, mediante a alma humana, venha a ser um reino do cumprimento da vontade de Deus!

Tal afirmativa fica ainda reforçada pela frase seguinte: “*Seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no céu!*”

Essa não é apenas uma declaração de se prontificar a enquadrar-se inteiramente à vontade divina, mas encontra-se também nela a promessa de interessar-se por essa vontade, de esforçar-se com toda a diligência para reconhecer essa vontade. Tal esforço tem de preceder, sim, a uma adaptação a essa vontade, pois enquanto a criatura humana não a conhecer direito, não estará apta a orientar sua intuição, seu pensar, falar e agir de acordo com ela!

Que tremenda e culposa leviandade não é, pois, a de cada ser humano que nunca cessa de fazer essas afirmativas ao seu Deus, sempre e sempre de novo, quando na realidade nem se interessa de como seja a vontade de Deus, que se acha firmemente ancorada na Criação. O ser humano mente, sim, em cada palavra da oração, quando ousa proferi-la! Com isso, encontra-se como um hipócrita diante de Deus! Junta sempre novas culpas por cima das antigas, sentindo-se por fim digno de lástima, quando ele em matéria fina tiver de sucumbir no Além sob este fardo.

Somente quando essas frases tiverem sido cumpridas realmente por uma alma, como condição preliminar, é que ela poderá continuar a dizer:

“O pão nosso de cada dia nos dá hoje!”

Isso equivale a dizer: “Se eu cumprir aquilo que afirmei ser, deixa então que a Tua bênção paire sobre a minha atuação terrena, a fim de que disponha sempre de tempo para conseguir meu necessário sustento de vida na matéria grosseira, para poder viver segundo a Tua vontade!”

“E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores!”

Nisso jaz o conhecimento dos efeitos retroativos incorruptos e justos das leis espirituais que transmitem a vontade de Deus. Simultaneamente também a expressão afirmativa de plena confiança

nisso, pois o pedido de perdão, isto é, de remissão das culpas, baseia-se *estritamente* no cumprimento *anterior*, pela alma humana, do próprio perdoar de todas as injustiças que os semelhantes lhe fizeram.

Quem tiver sido capaz *disso*, quem já houver perdoado tudo ao seu próximo, ficará de *tal forma* purificado, que nunca virá a cometer *intencionalmente* nenhuma injustiça! Com isso também estará livre de todas as culpas perante Deus, uma vez que só é considerado como injustiça o que tiver sido feito *intencionalmente de má fé*. Só assim é que vem a ser uma injustiça. Há nisso uma grande diferença com relação a todas as leis humanas e conceitos terrenos atualmente existentes.

Assim, pois, nessa frase, também como base, encontra-se novamente uma promessa perante seu Deus de cada alma que almeja a Luz. Declaração de sua verdadeira vontade, para cuja realização, aprofundando-se e ficando esclarecida sobre si mesma, espera receber força na oração, que, numa sintonização certa, também receberá, segundo a lei da reciprocidade.

“E não nos deixes cair em tentação!”

É um conceito errado da criatura humana querer ler nessas palavras que seria tentado por Deus. Deus não tenta ninguém! Trata-se nesse caso apenas de uma tradição incerta que escolheu inabilmente o termo tentação. Seu sentido correto deve ser

classificado no conceito de errar, perder-se, isto é, andar errado, procurar erradamente no caminho ao encontro da Luz.

Equivale a dizer: “Não nos deixes tomar caminhos errados, procurar erradamente, não nos deixes perder tempo! Desperdiçá-lo, malbaratá-lo! Mas retém-nos *à força*, se necessário for, inclusive se tal necessidade nos tenha de atingir como sofrimento e dor.”

Esse sentido o ser humano também tem de entender por intermédio da sentença seguinte, e de acordo com o teor diretamente ligado a ela: “*Mas livra-nos do mal!*”

Esse “mas” mostra bem nitidamente a unidade da frase. O sentido equivale a: Faze-nos reconhecer o mal, seja qual for o preço que isso venha a nos custar, mesmo com o preço da dor. Capacita-nos para tanto por intermédio de Teus efeitos recíprocos em cada uma de nossas faltas. No reconhecer encontra-se também a remição para aqueles que tenham boa vontade para isso!

Com isso termina a segunda parte, o colóquio com Deus. A terceira parte constitui o remate: “*Pois que a ti pertencem o reino, a força e a magnificência por toda a eternidade! Amém!*”

É uma confissão jubilosa do sentimento de ser acolhido na onipotência de Deus através do cumprimento de tudo aquilo que a alma na oração lhe deposita aos pés como juramento! —

Esta oração dada pelo Filho de Deus possui, por conseguinte, duas partes. A introdução, ao aproximar-se, e o colóquio. Por último, adveio por Lutero a confissão jubilosa do conhecimento do auxílio para tudo aquilo que o colóquio encerra, do recebimento da força para o cumprimento daquilo que a alma prometeu ao seu Deus. E o cumprimento *terá* de levar a alma ao reino de Deus, ao país da alegria eterna e da Luz!

Assim, pois, o Pai Nosso, quando realmente vivenciado, torna-se o apoio e o bastão para a escada ao reino espiritual!

O ser humano não deve esquecer-se de que numa oração ele tem de buscar, na realidade, somente a força, para poder *ele próprio realizar* o que pede! Assim deve orar! E assim também é constituída a oração que o Filho de Deus deu aos discípulos! ■

NA LUZ DA VERDADE, Mensagem do Graal

Respostas sobre a existência



*Cada amanhecer traz uma
nova oportunidade de decidir:
nadar a favor ou contra a correnteza da vida!*

A obra, em três volumes, discorre sobre ângulos novos das leis da natureza ou leis da Criação, mostrando sua relevância no Universo e no cotidiano de cada um. Dentro dessa engrenagem, Abdruschin mostra que o ser humano traz em si mesmo a chave para alcançar a paz interior por meio dos seus pensamentos, palavras e ações.

Uma série de capítulos aborda enigmas da existência. Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos depois da morte? Qual a finalidade da vida terrena? Por que existe tanto sofrimento no mundo? Cada capítulo conduz o leitor a olhar a realidade de modo objetivo, desmistificando dogmas e considerando a sua responsabilidade pela própria felicidade ou infelicidade.

A ideia do livre-arbítrio, explicada pelo autor, traz ao leitor a noção de uma liberdade associada à responsabilidade, em que cada qual tem a possibilidade de fazer suas escolhas e então colher os frutos correspondentes ao que desejou. O conceito de carma perde sua aura de mistério e percebemos a possibilidade de viver de tal maneira, que bons efeitos provenientes da lei de ação e reação, ou lei da reciprocidade, nos atinjam, ou que efeitos danosos possam ser enfraquecidos ou mesmo extintos.

Na Luz da Verdade conduz à percepção de que podemos participar ativamente de acontecimentos próximos e distantes no planeta, no presente e no futuro, contribuindo para a evolução do Universo. Passamos a compreender a importância dos pensamentos, das palavras e das ações na formação do destino.

Temas como energia, lei da gravidade, as diversas espécies de matéria, a lenda do Graal, o grande cometa, o Filho do Homem e o Filho de Deus são explorados

com uma lógica e clareza que tocam o leitor. Este finalmente também conhecerá os múltiplos planos da Criação, já mencionados por Jesus quando falou das “muitas moradas da casa do Pai”.

Abdruschin ressalta a importância da vontade do ser humano. Traduzida em pensamentos, palavras ou ações, ela é capaz de conduzir a força que perpassa o ser humano na direção que ele determinar.

O leitor encontrará em *Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal*, a possibilidade de percorrer novos conhecimentos. Trata-se de conhecimentos profundos para todos aqueles que se interessam pela espiritualidade e buscam respostas às diversas questões da existência humana. ■

Livros editados pela

ORDEM DO GRAAL NA TERRA

Obras de Abdruschin:

NA LUZ DA VERDADE – obra em três volumes
Alicerces de Vida
Os Dez Mandamentos e o Pai Nosso
Respostas a Perguntas

Obras de Roselis von Sass:

A Desconhecida Babilônia
A Grande Pirâmide Revela seu Segredo
A Verdade sobre os Incas
África e seus Mistérios
Atlântida. Princípio e Fim da Grande Tragédia
Fios do Destino Determinam a Vida Humana
Leopoldina, uma vida pela Independência
O Livro do Juízo Final
O Nascimento da Terra
Os Primeiros Seres Humanos
Profecias e outras Revelações
Revelações Inéditas da História do Brasil
Sabá, o País das Mil Fragrâncias
Tempo de Aprendizado

Obras de outros autores:

Espiando pela fresta
Nina e a música do mar - Sereias
Nina e o dedo espetado - Dampi
O Dia sem Amanhã
Quem Protege as Crianças?

Consulte lista completa em nosso site: www.graal.org.br

Março/2019

“O ‘Pai Nosso’, por si só, pode ser *tudo* para a criatura humana que procura, se nele se aprofundar e compreendê-lo direito. Nem precisaria mais do que o ‘Pai Nosso’. Este lhe mostra o Evangelho todo em forma concentradíssima. É a chave das alturas luminosas para aquele que saiba experimentá-lo vivencialmente de modo certo. Pode ser, para qualquer um, simultaneamente, *bastão e luminar* para o progresso e a ascensão! Tão imensurável o que contém em si.”

Abdruschin